

MIGRAÇÃO SUL-SUL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS NO BRASIL*

*South-South migration: a critical discourse analysis of media's construction of
venezuelan refugees in Brazil*

Bruna Carvalho Badaró de Melo**

Resumo: Este artigo explora como os refugiados venezuelanos foram construídos pela mídia brasileira durante a atual crise de refugiados na América do Sul. O fato de a migração Sul-Sul ter sido relativamente pouco estudada e o deslocamento relevante e crescente de pessoas da Venezuela foram as motivações para este estudo. Vinte e um artigos sobre refugiados venezuelanos, publicados entre 2016 e 2021 por três jornais tradicionais e conservadores foram analisados. O referencial teórico baseou-se no modelo tridimensional de Análise Crítica do Discurso de Fairclough e nos conceitos de estereótipos e o “outro”, de Stuart Hall. Os achados revelaram que os venezuelanos foram associados principalmente a aspectos negativos, compreendendo dois subdiscursos: no primeiro, foram construídos como origem de doenças nas fronteiras e associados à violência e tensão social, e no segundo foram construídos como explorados, subempregados e mal-integrados no mercado de trabalho formal. Os resultados contribuem para ampliar a compreensão do fenômeno migratório Sul-Sul ao detalhar a representação dos refugiados venezuelanos na mídia brasileira e os principais discursos a eles relacionados.

Palavras-chave: refugiados venezuelanos; migração sul-sul; análise crítica do discurso; estereótipos; Fairclough.

Abstract: This article explores how Venezuelan refugees have been constructed by the Brazilian media during the ongoing refugee crisis in South America. The fact that South-South migration has so far been understudied and the relevant and fast-escalating displacement of people from Venezuela were the motivations for this study. Twenty-one articles about Venezuelan refugees published between 2016 and 2021 by three mainstream, conservative newspapers were analyzed. The theoretical framework consisted of Fairclough's three-dimensional model of Critical Discourse Analysis and the theoretical concepts of stereotypes and otherness. The findings revealed that Venezuelans were mainly associated with negative aspects, comprehending two sub-discourses: in the first one, they were constructed as the origin of diseases at the borders and associated with violence and societal tension, and in the second one they were constructed as exploited, underemployed and poorly integrated into the formal

* Este artigo é uma versão reduzida e traduzida da dissertação de mestrado em *International Migration and Ethnic Relations* na Universidade de Malmö, na Suécia, defendida em 2022. A dissertação recebeu o *MIM Master Essay Award 2022* e foi publicada em forma de artigo na *MIM Working Paper Series*, pertencente ao *Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM)* em 2023.

** Mestre em Migração Internacional e Relações Étnicas pela Universidade de Malmö, Suécia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Direito Internacional da UERJ (NEPEDI/UERJ), no Eixo Direito Internacional e Política (NEPEDIPOL).

labor market. The findings contribute to increasing the understanding of the South-South migration phenomena by detailing the representation of Venezuelan refugees in the Brazilian media and the main discourses related to them.

Keywords: venezuelan refugees; south-south migration; critical discourse analysis; stereotypes; Fairclough

Submissão: 19/05/2023
Aprovação: 23/08/2023

INTRODUÇÃO

Conforme mencionado por FitzGerald (2015, p.117), as migrações entre países localizados no Sul Global¹ são tão grandes quanto as migrações do Sul Global em direção ao Norte Global, mas permanecem em sua maior parte pouco estudadas. Essas migrações não são apenas econômicas, mas também compreendem o deslocamento de indivíduos desencadeado por violações de direitos humanos, assim como conflitos políticos e sociais (Lima *et al*, 2017, p.22). No caso da América do Sul, há uma crise em curso ocorrendo na Venezuela, causando deslocamento maciço de refugiados para outros países latino-americanos. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2022), mais de 6 milhões de pessoas escaparam da Venezuela desde 2015 devido à crise em curso naquele país, intensificada a partir de 2016, envolvendo turbulência socioeconômica e perturbação política. Cerca de oitenta por cento dos migrantes venezuelanos são acolhidos por países vizinhos da América do Sul e do Caribe, na maior migração forçada da história contemporânea da região (OIM, 2022).

Devido à deterioração das condições humanitárias e de segurança na Venezuela, o ACNUR recomendou, por meio de sua Nota de Orientação de 2019, que os Estados anfitriões reconheçam a maioria dos venezuelanos como refugiados, adotando um procedimento *prima facie*² (Ochoa, 2020, p. 473). Seguindo a recomendação do ACNUR, o Brasil implementou o procedimento *prima facie* no mesmo ano (Ochoa, 2020, p. 489), tornando-se, conseqüentemente, o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na

¹ O Sul Global se refere a regiões fora da Europa e da América do Norte, como países da América Latina, África, Ásia e Oceania, que são geralmente países economicamente em desenvolvimento e politicamente ou culturalmente marginalizados (Dados e Connell 2012, p.12).

² Enquanto que o status de refugiado normalmente deve ser concedido com base em uma avaliação individual, em algumas situações indivíduos de grupos inteiros que estão fugindo de situações conhecidas e extremamente urgentes se qualificam como refugiados à primeira vista, reduzindo assim o padrão de prova necessário para se qualificar como refugiado e acelerando o processo (Manual do ACNUR sobre Procedimentos e Critérios para Determinar o Estatuto de Refugiado sob a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados, Seção B, 44).

América Latina³ (ACNUR, 2020). Em 2020, cerca de 60% dos pedidos de refúgio no Brasil foram de venezuelanos (Silva *et al*, 2020, p. 20).

O crescente ingresso de refugiados da Venezuela atraiu visivelmente a atenção da mídia brasileira. Conforme argumentado por Smets *et al* (2020, p.5), a mídia tem um papel importante nos fenômenos migratórios. Ao produzir imagens da realidade, a mídia pode conectar e unir, mas também desempenhar um papel no crescimento do ressentimento e da discriminação, influenciando as opiniões dos indivíduos e sua compreensão dos migrantes (Smets *et al*, 2020, p. 7). Nesse contexto, a cobertura da mídia não apenas fornece informações sobre grupos e questões relacionadas à migração, mas também constrói representações e discursos sobre migrantes e minorias, incluindo representações positivas ou negativas acerca deles (Bleich *et al*, 2015, p.859). A conexão central entre meios de comunicação de massa e migração, o fato de que os movimentos Sul-Sul não são tão estudados quanto o Sul-Norte e o deslocamento relevante de pessoas da Venezuela inspiraram o tema deste artigo.

1 OBJETIVO

O artigo busca contribuir para uma compreensão crescente sobre como os venezuelanos foram construídos pela mídia brasileira durante a situação dos refugiados na América do Sul e os principais discursos relacionados a eles. A pesquisa é norteada pelas seguintes questões: “De que forma os refugiados da Venezuela estão sendo construídos pela mídia brasileira na atual situação de refugiados?” e “Quais são os principais discursos relacionados aos refugiados venezuelanos no contexto da atual crise de refugiados?”. Conforme mencionado por Boréus e Bergström (2017, p.196), o termo “discurso” pode ter significados diversos e até divergentes. Neste artigo, o termo discurso refere-se a uma construção social da realidade (Fairclough, 1995, p.18) e “uma maneira particular de falar e entender o mundo (ou um aspecto do mundo)” (Jorgensen; Phillips, 2002, p.1). A fim de responder às questões de pesquisa, serão analisados 21 artigos jornalísticos sobre o tema, selecionados entre três dos principais jornais brasileiros e publicados entre 2016-2021, utilizando a teoria da análise crítica do discurso (CDA) de Fairclough e os conceitos de estereótipos e o “outro”, conforme definidos por Stuart Hall.

³ O principal país receptor é a Colômbia, seguida por outros países da América do Sul, como Peru, Chile e Brasil (Ochoa 2020, 480). No entanto, o Brasil tem o maior número de refugiados reconhecidos na região (ACNUR 2020).

2 A CRISE VENEZUELANA

A economia venezuelana baseia-se fortemente na produção de petróleo desde 1920, sendo tão essencial que em 2014 correspondia a 95% de suas exportações (Silva; Franco; Sampaio, 2021, p. 350). A economia da Venezuela teve períodos de pujança quando o preço do petróleo atingiu altos níveis, o que transformou o país em destino de imigração na região até 2013, atraindo especialmente colombianos, equatorianos e peruanos (Silva; Franco; Sampaio, 2021, p. 349). Devido à alta dependência da produção de petróleo, a economia sofreu grandemente com a queda significativa do preço do petróleo em 2014, com o PIB caindo de 10 a 15 por cento naquele ano (Silva; Franco; Sampaio, 2021, p. 350; Ochoa, 2020, p. 481). Independentemente das condições de mercado desfavoráveis, Ochoa (2020, p. 481) observou que a crise econômica também surgiu devido à má gestão da companhia estatal Petróleos de Venezuela, que controlava toda a exploração, produção, refino e exportação de petróleo do país. Além disso, as sanções econômicas dos Estados Unidos contribuíram para intensificar a crise econômica, restringindo a possibilidade de acesso a investidores estrangeiros e ao mercado financeiro dos Estados Unidos (Ochoa, 2020, p. 481). Ao mesmo tempo, as políticas de bem-estar social anteriores entraram em colapso e a inflação aumentou descontroladamente, atingindo 800% em 2014 (Silva; Franco; Sampaio, 2021, p. 350) e 10 milhões por cento em abril de 2019, conforme informado por Ochoa, com base em dados do Fundo Monetário Internacional (2020, p. 481). Além disso, a transição de poder causada pela morte de Hugo Chávez em 2013 e as dificuldades de Nicolás Maduro para manter o estado de bem-estar social desencadearam fortes protestos da oposição política a partir de 2014 (Ochoa, 2020, p. 481).

Como consequência do colapso econômico, a Venezuela estaria sofrendo com escassez de alimentos, medicamentos, vacinas e suprimentos médicos (Ochoa, 2020, p. 482). Além dos reportados problemas de pobreza, saúde e nutrição, os venezuelanos também enfrentariam violência generalizada, perseguição política e violações sistemáticas dos direitos humanos, de acordo com o informado pelo HRW (2020). Segundo o Observatório da Violência Venezuelana (2019), a taxa de homicídios na Venezuela é de 60,3 por 100.000 habitantes, superior ao demais países da região (Ochoa, 2020, p. 483). O Conselho de Direitos Humanos da ONU estabeleceu uma Missão Internacional Independente de Apuração de Fatos para verificar a veracidade dessas alegações em 2019, concluindo em seu relatório de 2020 que:

[...] há motivos razoáveis para acreditar que as autoridades venezuelanas e as forças de segurança planejaram e executaram, desde 2014, graves violações dos direitos humanos, algumas das quais – incluindo assassinatos arbitrários e o uso sistemático

de tortura – equivalem a crimes contra a humanidade (...) longe de serem atos isolados, esses crimes foram coordenados e cometidos de acordo com as políticas do Estado, com o conhecimento ou apoio direto de comandantes e altos funcionários do governo”. (ONU, 2020).

O governo venezuelano negou ajuda internacional, alegando que não há crise alguma no país e que a situação está sendo manipulada para justificar a intervenção internacional (Ochoa, 2020, p. 484). A principal porta de entrada de migrantes venezuelanos no Brasil é a cidade de Pacaraima, no norte do estado de Roraima. O número de venezuelanos deslocados é atualmente estimado em mais de 6 milhões de pessoas, muitas delas em condições extremamente vulneráveis (IOM, 2022).

3 MIGRAÇÃO NO BRASIL

Embora atualmente a América Latina seja frequentemente retratada como uma região de emigração, historicamente a região foi uma região de imigração em massa (Goebel, 2014, p.1; Lesser, 2012, p.4). Cerca de três milhões de imigrantes da Europa e de outras regiões estabeleceram-se definitivamente no Brasil entre 1870 e 1930 (Goebel, 2014, p.1; Lesser, 2012, p.4). Nesse contexto, o estereótipo do imigrante ideal foi construído como “europeu” e “branco”, seguindo o pensamento racial “científico” e os pressupostos eugênicos da época (Bletz, 2010, p. 22). Em contraste com a imigração em massa para o Brasil durante o século XIX e início do século XX, fluxos relevantes e consistentes de refugiados para o país só surgiram muito recentemente, mais especificamente a partir de 2010 com o fluxo vindo do Haiti e, a partir de 2015, da Venezuela (Cavalcanti *et al*, 2021a, p. 6). Até 2010, cerca de 592.000 migrantes residiam no Brasil, sendo as principais nacionalidades do Norte Global (Cavalcanti *et al*, 2021b, p.12). Durante a década de 2010, ocorreu uma mudança significativa no número e no perfil dos imigrantes: de acordo com os registros administrativos do Governo Federal brasileiro, estima-se que 1,3 milhão de migrantes residiam no Brasil em 2020, principalmente da Venezuela e do Haiti (Cavalcanti *et al*, 2021b, p.12). Entre os solicitantes de refúgio, os principais países de origem são todos do Sul Global (Cavalcanti *et al*, 2021b, p. 13). Além disso, se antes de 2010 havia maior participação de migrantes com nível superior no mercado de trabalho, ao longo da década o nível de escolaridade dos migrantes diminuiu e se consolidou como nível de ensino médio (Cavalcanti *et al*, 2021b, p. 13).

4 A MÍDIA

Conforme apontado por Bleich *et al* (2015, p. 858), “a mídia” não é uma entidade singular, mas um complexo grupo de instituições com enormes distinções internas. Além disso, o alcance da mídia pode variar, sendo bastante limitado (por exemplo, um jornal local ou estação de televisão comunitária) ou extremamente amplo. Portanto, é relevante esclarecer o que se entende por “mídia” no contexto deste artigo, e discutir brevemente as características da mídia brasileira. Para fins deste artigo, o termo “mídia” refere-se aos jornais impressos, mais especificamente a três jornais diários brasileiros de distribuição nacional: “O Globo”, “O Estado de São Paulo” (“Estadão”) e “Folha de São Paulo”.

No artigo “Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político” (2006), Azevedo analisa a mídia brasileira e aponta suas principais características, como viés conservador, monopólio familiar, baixo número de leitores em relação ao tamanho da população, leitores principalmente das classes média e alta e, conseqüentemente, uma abordagem voltada para a elite (2006, p. 89). Valendo-se dos modelos propostos por Hallin e Mancini (2004) para análise, Azevedo classifica a mídia no Brasil como um “modelo mediterrâneo”, que apresenta como elementos-chave jornais voltados predominantemente para a elite política, liberdade de imprensa e desenvolvimento de mídia comercial relativamente tarde, e jornais economicamente frágeis, muitas vezes dependentes de subsídios e ajuda do governo (por meio de publicidade oficial) para sobreviver. Azevedo (2006) destaca que os maiores jornais de distribuição nacional da atualidade, como o “O Estado de São Paulo”, “O Globo” e “Folha de São Paulo”, foram fundados nessa época. Historicamente, os jornais selecionados se posicionaram como conservadores e penderam para o centro e a direita.

5 DELIMITAÇÕES

O artigo se concentra nos venezuelanos, e não em outros grupos de refugiados ou imigrantes. Isso ocorre porque, conforme descrito na parte introdutória, o deslocamento de pessoas mais relevante e de crescimento mais rápido na América do Sul atualmente é o da Venezuela.

Não foram comparadas as diferentes abordagens entre os jornais escolhidos, pois o foco deste artigo estava nas semelhanças e não nas diferenças quanto à representação dos refugiados venezuelanos e aos discursos a eles relacionados. Além disso, é importante ressaltar

que o foco está em como os refugiados venezuelanos foram construídos pela mídia, e não se essas representações são verdadeiras ou falsas.

Foram selecionados apenas artigos não editoriais, uma vez que observou-se que o foco dos editoriais não estava nos refugiados venezuelanos, mas sim explicar a crise política na Venezuela e compará-la com o cenário político do Brasil, o que fugia do foco e escopo da análise deste artigo.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Análise Crítica do Discurso e o modelo teórico tridimensional de Fairclough

Neste artigo, foi utilizado o modelo de análise crítica do discurso de Norman Fairclough, tendo como base seu arcabouço teórico para a análise do discurso da mídia apresentado em “Media Discourse” (1995). Conforme observado por Jorgensen e Phillips (2012, p.4), na análise crítica do discurso, as abordagens teórica, filosófica e metodológica estão entrelaçadas e devem ser tratadas como um todo. A análise crítica do discurso está principalmente enraizada em premissas socioconstrucionistas, colocando assim importância no papel ativo do discurso na construção do mundo social (Jorgensen; Phillips, 2012, p.7). Para as abordagens da CDA, as representações da realidade são criadas por meio da linguagem, e a maneira como algo é enquadrado afeta a maneira como agimos sobre ele (Jorgensen; Phillips, 2012, p.8). A linguagem não é, portanto, apenas um portador de informação, mas uma ferramenta que constitui o mundo social e potencialmente incita à ação (Jorgensen; Phillips, 2012, p.8). Em outras palavras, a linguagem não é percebida como um instrumento neutro; a forma como algo é representado molda ou incorpora a ação política (Boréus; Bergström, 2017, p.196). Outro aspecto relevante das abordagens de análise do discurso é a investigação de estruturas de poder ocultas e mudanças (Jorgensen; Phillips, 2012, p.7). Nesse contexto, em relação à mídia, Fairclough argumenta que os textos contribuem para produzir ou reproduzir relações desiguais de poder e dominação, ao representar seletivamente algum aspecto do mundo (Fairclough, 1995, p.17).

O arcabouço teórico tridimensional da análise crítica do discurso de Fairclough envolve a análise de texto para entender como as práticas discursivas funcionam linguisticamente nos textos, mas o autor critica as abordagens que focam apenas nos aspectos linguísticos por trabalharem com uma compreensão simplista e sem profundidade entre texto e sociedade (Jorgensen; Phillips 2002, p.66). O objetivo geral do modelo tridimensional é

fornecer uma estrutura analítica para a análise do discurso, considerando o princípio de que os textos não devem ser compreendidos ou analisados isoladamente, mas em relação a outros textos e ao contexto social mais amplo (Jorgensen; Phillips, 2002, p.70). O modelo de Fairclough para Análise Crítica do Discurso consiste em três processos interconectados de análise que estão ligados a três dimensões do discurso (Janks, 2006, p.329). Essas três dimensões são: o objeto de análise; o processo pelo qual o objeto de análise é produzido, reproduzido e como o texto se vale de elementos de outros textos; e as condições sócio-históricas que conduzem esses processos (Janks, 2006, p. 329). Cada uma dessas dimensões requer um tipo diferente de análise, que são análise de texto (descrição), prática discursiva (interpretação) e análise social (explicação). Considerando que o modelo Fairclough de CDA é tanto uma estrutura teórica quanto metodológica, a forma como a análise será operacionalizada será elaborada na seção de estrutura metodológica.

6.2 Estereótipos e o “outro”

Conforme brevemente definido por Stuart Hall, a representação é a construção do significado por meio da linguagem (1997, p.16). Em outras palavras, representar algo é descrever, simbolizar ou conceituar por meio da linguagem, de forma que outras pessoas sejam capazes de compreender. Nesse contexto, Hall observa que a estereotipagem como uma prática significativa é central para a representação de pessoas que são consideradas diferentes da maioria (Hall, 1997, p. 225). Os estereótipos se apoderam de algumas características de uma pessoa e as exageram, simplificam e fixam, reduzindo a pessoa a esses atributos (Hall, 1997, p. 258). Assim, a estereotipagem “reduz, essencializa, naturaliza e fixa as diferenças” (Hall, 1997, p. 258). Como consequência, a estereotipagem estabelece limites e exclui tudo o que não “pertence”, estabelecendo as fronteiras entre os “insiders” e os “outsiders” ou os “outros” (Hall, 1997, p. 258). Conforme argumentado por Hall, a estereotipagem faz parte da manutenção da ordem social e ocorre principalmente onde há flagrantes desigualdades de poder. A mídia tende a estereotipar migrantes e outras minorias, conforme observado por Smets *et al* (2020, p.20). Neste artigo, foram utilizados os conceitos teóricos explorados por Hall para identificar os principais discursos relacionados aos refugiados venezuelanos e investigar de que maneira a mídia constrói e reproduz estereótipos relacionados a eles.

7 ESTRUTURA METODOLÓGICA

O ponto de partida para este estudo foram questões abertas, e a análise foi guiada pelos temas que surgiram durante a investigação. O método utilizado foi a estrutura tridimensional de Fairclough. O número restrito de artigos pode ser motivado pelo fato de que a CDA é uma análise do discurso baseada no micro nível, e os padrões identificados neste nível micro formam mensagens de nível macro de hegemonia, discriminação e poder (Strauss; Feiz, 2013, p.315-316). Assim, os discursos de nível macro podem ser investigados na forma de microdiscursos (Strauss; Feiz, 2013, p.315-316).

7.1 Método de estrutura tridimensional de Fairclough

Conforme delineado anteriormente, a estrutura tridimensional de Fairclough compreende a análise entre as três dimensões de um evento comunicativo, denominado texto, prática discursiva e prática sociocultural (Fairclough, 1995, p.57). Todas as três dimensões devem ser usadas para analisar um evento comunicativo, e a análise se concentra nas características linguísticas do evento (texto), nos processos relacionados à produção e consumo do texto (prática discursiva) e na prática social mais ampla a que o evento pertence (prática social). (Jorgensen; Phillips, 2002, p.68). Assim, no modelo de Fairclough, os pesquisadores devem seguir os seguintes passos: descrição, interpretação e explicação (Lê; Short, 2009, p.8). A estrutura tridimensional fornece uma ferramenta analítica na qual os textos não são entendidos isoladamente, mas em relação a outros textos e ao contexto social mais amplo.

7.2 Discurso como texto

Fairclough sugere várias ferramentas para prosseguir com a análise de texto, como metáforas, estereótipos, e análise gramatical (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83). Nesta primeira dimensão, concentrei-me nos padrões linguísticos, bem como nos estereótipos (como imagens generalizadas do outro) e em dois aspectos gramaticais centrais, especificamente a modalidade e a transitividade. Em relação à transitividade, o foco está em como os eventos e processos estão conectados (ou não) a objetos e sujeitos (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83). A razão é investigar as consequências ideológicas que formas distintas podem ter, e isso pode ser feito examinando como o texto foi construído de diferentes maneiras, por exemplo, usando voz passiva ou ativa (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83). A modalidade, por sua vez, tem a ver com a certeza da

comunicação. Por exemplo, “isso está errado” e “isso pode estar errado” são maneiras diferentes de abordar um assunto, nas quais o emissor se compromete com a afirmação em diferentes graus.

7.3 Discurso como prática discursiva

Jorgensen e Phillips, valendo-se de Fairclough (2002, p.69), argumentam que a relação entre texto e prática social é conciliada por meio da prática discursiva, uma vez que os indivíduos usam a linguagem para criar e consumir textos, e os textos moldam e são moldados pela prática social. A segunda dimensão de análise (prática discursiva) envolve vários aspectos relativos à produção e consumo de texto (Fairclough, 1995, p.58). No entanto, conforme apontado por Jorgensen e Phillips (2002, p.82), a análise da prática discursiva é geralmente feita de um ponto de vista linguístico, enfatizando em quais discursos o texto se baseia (intertextualidade). Portanto, um texto pode ser percebido como um elo em uma cadeia intertextual, na qual cada texto incorpora elementos de outros textos (Bryman, 2008, p.540). Na segunda dimensão, concentrei-me em investigar a intertextualidade no material e a análise também se apoiou na parte anterior da descrição.

7.4 Discurso como prática social

A terceira dimensão envolve a análise da prática social mais ampla à qual pertence o evento comunicativo. O objetivo é identificar as relações culturais e sociais parcialmente não discursivas que fazem parte do contexto mais amplo da prática discursiva, por exemplo, em que tipos de condições econômicas e institucionais o discurso está imerso (Jorgensen; Phillips 2002, p.86). Conforme explicado por Fairclough, a análise do discurso como prática social envolve diferentes níveis de abstração de um evento particular, como um contexto situacional mais imediato e o quadro mais amplo da cultura e da sociedade (1995, p.62).

Nessa linha de pensamento, Bryman, valendo-se de Phillips e Hardy (2008, p.541), observa que, a fim de poder entender os discursos e seus efeitos, é necessário também entender os contextos em que os discursos emergem. Portanto, é útil, como observado por Janks, fazer perguntas sobre tempo e lugar para investigar o contexto situacional (1997, p.338). É na terceira dimensão que o estudo entre prática discursiva e prática social alcança suas conclusões finais (Jorgensen; Phillips, 2002, p.87). Nesta dimensão, foi investigado o contexto da cultura e da sociedade em que os eventos comunicativos estão inseridos, guiado também pela investigação

anterior nas duas primeiras dimensões do modelo de Fairclough. Os conceitos de estereótipos (como imagens generalizadas do outro) também foram usados para fornecer insights sobre o contexto em torno da construção de refugiados venezuelanos pela mídia brasileira.

8. ANÁLISE

A análise foi dividida em três partes: descrição (texto), interpretação (prática discursiva) e explicação (prática social). A investigação foi apoiada pelo referencial teórico e fontes secundárias na forma de literatura. Além disso, as inferências durante a análise também foram apoiadas por citações extraídas do material selecionado.

Durante a leitura dos artigos selecionados, emergiu como dominante um discurso abrangente associando refugiados venezuelanos a aspectos negativos. Conectado a esse discurso, foi possível identificar dois subdiscursos: venezuelanos associados à tensão social, violência e doenças nas fronteiras; e venezuelanos como explorados e mal-integrados ao mercado formal de trabalho. Ambos os subdiscursos foram analisados juntos em cada dimensão para permitir um melhor fluxo e legibilidade.

8.1 Descrição (texto)

Primeiro subdiscurso

No primeiro subdiscurso (venezuelanos associados à tensão social, violência e doenças nas fronteiras), o foco foi a situação nas fronteiras, principalmente nos municípios de Pacaraima e Boa Vista, localizados no norte do estado de Roraima. As palavras “tensão”, “violência”, “surto de doenças”, “caos”, “tragédia” e “dificuldades” apareceram com frequência no material empírico. A situação na cidade de Pacaraima é descrita como caótica, violenta e fora de controle. A descrição é reforçada pelo padrão de palavras usadas para apresentar a situação nos artigos selecionados (FAIRCLOUGH, 1995, p.56). Alguns exemplos são “Crise *eleva tensão* em áreas de fronteira da Venezuela” (Estadão, 2016, grifo nosso), “**Venezuelanos e brasileiros se enfrentam** nas ruas de Roraima – Pacaraima virou **zona de conflito** entre brasileiros e venezuelanos no último sábado” (Folha de São Paulo, 2018, grifo nosso).

Em matéria com a manchete “Após **ataque de brasileiros**, 1.200 venezuelanos deixam Roraima” (O Globo, 2018, grifo nosso), a presença do “outro” é dominante, contrastando e contrapondo cidadãos brasileiros e refugiados venezuelanos e estabelecendo os limites entre os

“insiders” e os “outsiders”, ou os “outros” (HALL, 1997, p. 258). O leitor é informado de que 700 refugiados venezuelanos foram atacados por quase 2.000 brasileiros na cidade de Pacaraima, no norte do estado de Roraima, depois que um brasileiro foi supostamente roubado e quase espancado até a morte por venezuelanos (O Globo, 2018). No primeiro subdiscurso, a mídia usou padrões de palavras para enfatizar a tensão social e reforçar a oposição entre brasileiros e refugiados venezuelanos, estabelecendo as distinções entre os “insiders” e os “outsiders”.

Nesse contexto, a imagem dos refugiados venezuelanos foi frequentemente construída como associada aos conflitos e à violência nas fronteiras: “Imigrantes voltam para Venezuela após violência em Roraima: cerca de cem venezuelanos que viviam na rua em Boa Vista regressaram após mortes na quinta” (Folha de São Paulo, 2018). Nesse caso, a transitividade consiste em construir a manchete como se não houvesse um agente responsável pela violência, quase como se fosse um fenômeno natural (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83). Ressalta-se que o episódio reacendeu as tensões na fronteira (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83), que os serviços públicos da Boa Vista estão sobrecarregados com o fluxo de refugiados, bem como que os refugiados vivem agora em constante medo de sofrer novos ataques (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83). Em consonância com o artigo anterior, a redação aqui também é utilizada para enfatizar aspectos negativos, relacionando-os ao fluxo migratório.

A tensão em relação ao fluxo de refugiados venezuelanos é ainda mais enfatizada pelo uso de palavras como “tragédia”, “desafios” e “dificuldades”. Como exemplo: “Situação de indígenas venezuelanos no Brasil é **trágica**, diz ONU” (O Globo, 2019, grifo nosso). No artigo, argumenta-se que os indígenas venezuelanos estão em abrigos de refugiados em Roraima, Brasil, com poucas perspectivas de integração social e econômica na sociedade brasileira. Afirma-se que os indígenas já estavam em situação de vulnerabilidade na Venezuela, e que essa vulnerabilidade é agora ainda mais acentuada pela necessidade de buscar refúgio em outro país. O artigo também faz conexões entre o grupo de refugiados e as doenças: “Os Warao (etnia indígena) precisam percorrer mais de 800 km de suas comunidades até a fronteira. **Desnutrição e um elevado índice de HIV complicam a situação.**” (O Globo, 2019, grifo nosso). A alegada falta de qualificação para ingressar no mercado de trabalho formal e a associação dos refugiados com doenças são descritos como fatos pela mídia, não deixando muito espaço para diferentes interpretações.

A conexão entre o fluxo de refugiados e os surtos de doenças nas fronteiras emergiu como destaque no primeiro subdiscurso. Outro exemplo está na manchete “Com *invasão venezuelana*, Roraima teme o **retorno de doenças** erradicadas” (Folha de São Paulo, 2016,

grifos meus). Nesse caso, a mídia apresentou interpretações da realidade como se fossem verdadeiras, usando a modalidade objetiva (Jorgensen; Phillips, 2002, p. 84). Além disso, os venezuelanos foram estereotipados como “invasores”. Ao ler o artigo na íntegra, afirma-se que “a cada ano cresce o total de venezuelanos que pedem refúgio ao Brasil [...] neste ano, já são 1.805 pedidos, segundo o Ministério da Justiça”. O modesto número de pedidos de refugiados foi descrito como uma “invasão”, sem que se explicitasse que se tratava de uma opinião ou versão entre outras versões dos fatos.

A transitividade no primeiro subdiscurso consiste em estabelecer os refugiados venezuelanos como origem de doenças já erradicadas no Brasil. Afirmar que com a “invasão” venezuelana há temor de que doenças erradicadas voltem implicitamente conecta os venezuelanos a surtos de doenças. Nessa mesma linha, outro artigo aponta que as autoridades de Roraima iniciaram uma campanha de vacinação contra o sarampo depois que uma criança venezuelana, que havia se mudado para aquele estado, foi diagnosticada com a doença (Folha de São Paulo, 2018). O artigo do jornal enfatiza ainda que os casos de sarampo foram registrados pela última vez no Brasil em julho de 2015 e afirma mais diretamente que as autoridades locais estão preocupadas com um surto devido ao fluxo migratório. Essa repetição na mídia pode afetar a opinião pública e possivelmente resultar no aumento da imagem estereotipada de “invasores” e “portadores de doenças” em relação aos refugiados venezuelanos. Isso pode levar ao preconceito em relação aos venezuelanos e à manutenção das relações de poder e divisão entre os dois grupos por meio de estereótipos.

Segundo subdiscurso

No segundo subdiscurso (venezuelanos como explorados e mal-integrados ao mercado formal de trabalho), o foco está na integração social e econômica dos venezuelanos no Brasil. As palavras “exploração”, “dificuldades” e “sobrevivência” apareceram no material empírico. A transitividade consiste em construir os refugiados como um grupo homogêneo: vulneráveis, explorados e subempregados. Como exemplo, “venezuelanos **sofrem abusos em empregos** ofertados por programa de interiorização” (Folha de São Paulo, 2021, grifo nosso). Os refugiados venezuelanos são estereotipados como tendo baixos níveis de escolaridade e mais propensos a aceitar empregos fora do mercado formal, caracterizados por baixos salários, insegurança e jornada de trabalho mais elevada (Shamsuddin *et al*, 2020, p. 2). Isso pode reforçar a construção dos refugiados venezuelanos como desqualificados ou incapazes de trabalhar em postos de trabalho que exigem maior qualificação. Conforme observado por Hall

(1997, p. 258), os estereótipos podem realçar as relações de poder entre diferentes grupos. Diante disso, a contratação de refugiados venezuelanos para empregos pouco qualificados e mal pagos poderia ser normalizada e reforçar as fronteiras entre nacionais e refugiados.

Ademais, os refugiados venezuelanos são construídos como geralmente incapazes, pelo menos em um primeiro momento, de transferir seu capital humano para o Brasil e de encontrar empregos que correspondam às suas competências e habilidades, mesmo aqueles que pertencem à classe média ou têm diploma universitário: “Classe média venezuelana engrossa fluxo crescente de refugiados no Brasil: profissionais graduados em universidades na Venezuela, militares e até funcionários públicos servem mesas, atendem em caixas de supermercado e fazem unhas para sobreviver em Boa Vista após fugir da crise econômica em seu país” (Estadão, 2017). Neste artigo, a mídia apresentou interpretações como se fossem fatos, usando a modalidade categórica e objetiva para reforçar suas declarações (Jorgensen; Phillips, 2002, p.83).

Em alguns artigos, o empreendedorismo étnico é apresentado como uma opção para os venezuelanos que não conseguiram transferir suas habilidades para o Brasil e, conseqüentemente, ingressar no mercado de trabalho formal. Como um exemplo: “Empreendedorismo é base para refugiados venezuelanos no Brasil, inclusive durante a pandemia” (O Globo, 2020). Isso vai ao encontro da transitividade anteriormente delineada, que se constitui na construção dos refugiados como muitas vezes enfrentando dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho.

Ao mesmo tempo, são destacadas as condições abusivas enfrentadas pelos venezuelanos nos empregos oferecidos pelo programa de interiorização “Operação Acolhida”, bem como as dificuldades enfrentadas pelos refugiados deslocados de Roraima para estados do sul do Brasil para “sobreviver sozinhos” (O Globo, 2019, “Imigrantes Venezuelanos trazidos ao Rio enfrentam **dificuldades para sobreviver sozinhos**”, grifo nosso). Isso está de acordo com a construção dos refugiados venezuelanos como vulneráveis, com baixa escolaridade, desempregados ou subempregados.

Além disso, aponta-se que o perfil dos imigrantes no Brasil mudou “radicalmente” na última década, “do europeu para o sul-americano” (“O número de imigrantes no Brasil dobra em 1 década, com menos brancos e mais mulheres”, Folha de São Paulo 2021). Nesse contexto, observou-se que o perfil racial dos imigrantes mudou de “branco” para “preto” ou “pardo”, informando que os brancos receberam salários mais elevados em comparação aos demais migrantes na última década. Além disso, afirmou-se que o nível educacional dos migrantes no Brasil diminuiu e que “essa composição reflete a entrada de novos imigrantes vindos de países

pobres ou em desenvolvimento, ao contrário dos fluxos anteriores, nos quais predominavam os trabalhadores europeus mais escolarizados”. Nesse contexto, a transitividade consiste em construir e estereotipar os refugiados venezuelanos como parte dessa mudança “radical” do perfil dos migrantes, como menos educados, pobres e mais propensos a aceitar empregos mal remunerados.

Em apenas um artigo é mencionado que a primeira leva de imigrantes vindos da Venezuela foi composta por profissionais altamente qualificados, que vieram para o Brasil de avião entre 2012 e 2014 e se instalaram na região sudeste do país, seguida de uma segunda onda de profissionais de classe média que entraram no país por via terrestre entre 2015 e 2017, e uma terceira onda de 2018, composta por venezuelanos empobrecidos que se instalaram em Roraima e posteriormente foram realocados para outras regiões pela Operação Acolhida (Folha de São Paulo, 2020, “Imigrantes venezuelanos estão em 23% dos municípios brasileiros”). No entanto, mesmo no referido artigo, a ênfase é colocada nos venezuelanos que não conseguiram se inserir no mercado de trabalho, reforçando os estereótipos de subeducados e vulneráveis a eles relacionados.

8.2 Interpretação (prática discursiva)

Primeiro subdiscurso

No primeiro subdiscurso (venezuelanos associados à tensão social, violência e doenças nas fronteiras), é perceptível que os artigos selecionados constroem e reforçam seus argumentos a partir de dados oficiais, citações diretas ou indiretas de organizações e declarações de políticos (Fairclough, 1995, p.76). Como exemplo: “*Diretor da OMS alerta que **crise na Venezuela pode causar surtos no Brasil**: De acordo com a entidade, **a importação de doenças** como sarampo, malária e difteria **já é uma realidade na fronteira**” (Estadão, 2018, ênfase adicionada). Nesse exemplo, a mídia vale-se da intertextualidade para validar suas afirmações, referindo-se a organizações conhecidas, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a fim de convencer os leitores de que suas falas retratam os fatos reais.*

Em outro exemplo, é afirmado em um artigo que, segundo as autoridades de Roraima, trezentos refugiados venezuelanos receberam vacinas contra o sarampo após a identificação de casos de sarampo ligados a refugiados venezuelanos naquele estado (Folha de São Paulo, 2018). Afirma-se também que o governo local “**teme um surto de sarampo**” (Folha de São Paulo, 2018) e requisitou vinte mil doses adicionais de vacina ao Governo Federal Brasileiro (Folha de São

Paulo, 2018). Na mesma linha, a mídia lança mão da intertextualidade para associar refugiados venezuelanos a doenças erradicadas, ao usar citações do governador de Roraima afirmando que “além das questões econômicas”, o Estado se preocupa com doenças “importadas” do país vizinho: “Nós estamos recebendo também **alguns venezuelanos com algumas doenças que nós já praticamente erradicamos** em nosso estado [...]” (Folha de São Paulo, 2016, grifo nosso).

Ademais, depoimentos de políticos e autoridades locais são utilizados no material empírico para reforçar o argumento de que a situação nas fronteiras está no limite. Por exemplo, em um artigo (Folha de São Paulo, 2018) há citações de um padre local, afirmando que “a cidade (Pacaraima) está um caos” (Folha de São Paulo, 2018, grifo nosso). Os leitores são informados de que após confrontos entre refugiados venezuelanos e brasileiros nas ruas de Roraima, a polícia e o hospital receberam reforços do governo local (Folha de São Paulo, 2018). A governadora de Roraima, Suely Campos, pede ao Governo Federal ajuda financeira de R\$ 180 milhões e o fechamento da fronteira com a Venezuela (Folha de São Paulo, 2018). A intertextualidade é utilizada aqui para reforçar o argumento de que a situação está fora de controle, bem como a percepção de que o governo local de Roraima está sobrecarregado e o Governo Federal brasileiro deve tomar medidas para enfrentar a situação do fluxo de refugiados.

Além disso, a intertextualidade é utilizada para reforçar a associação dos refugiados venezuelanos à criminalidade nas fronteiras em um dos artigos. Afirma-se que, segundo o prefeito de Pacaraima, estiveram na cidade brasileira venezuelanos que atualmente têm ou tiveram problemas com a Justiça do país vizinho. Citações do prefeito são usadas para enfatizar essa percepção: “A Guarda Nacional venezuelana prendeu **mais de 30 venezuelanos que estavam com problemas na justiça naquele país. Aí você imagina o que eles poderiam trazer para Paracaraima** [...]” (O Globo, 2018, “Imigrantes voltam para Venezuela após violência em Roraima”, grifo nosso). Os refugiados venezuelanos são estereotipados como tendo problemas com a Justiça na Venezuela e implicitamente construídos como um perigo potencial para brasileiros em Pacaraima. Nesse contexto, citações de autoridades e políticos são utilizadas para convencer os leitores de que a visão apresentada pela mídia está atrelada aos fatos reais.

Segundo subdiscurso

No segundo subdiscurso (venezuelanos como explorados e pouco integrados no mercado formal de trabalho), a intertextualidade também é utilizada no material empírico. A mídia se baseia em citações de autoridades, estatísticas do governo, declarações de políticos e entrevistas com os próprios refugiados para reforçar os argumentos exibidos nos artigos (Fairclough, 1995, p.76). Como exemplo, estatísticas do Governo são utilizadas na reportagem “Venezuelanos sofrem abusos em empregos ofertados por programa de interiorização” (Folha de São Paulo, 2021) para demonstrar quantos venezuelanos receberam apoio do Governo Federal para se mudar para os demais estados do Brasil e conseguir empregos por meio do programa “Operação Acolhida” (Folha de São Paulo, 2021). Informa-se que 19.390 venezuelanos foram realocados de Roraima para outros estados brasileiros por meio do programa e destaca-se a falta de fiscalização das empresas que oferecem empregos aos refugiados e o descumprimento da legislação trabalhista brasileira.

A mídia se baseia em entrevistas com refugiados venezuelanos compartilhando histórias de condições precárias que enfrentaram nos empregos que conseguiram encontrar. Como exemplo, em um artigo, uma família venezuelana narra que estava desesperada por oportunidades de trabalho e aceitou condições de trabalho extremamente abusivas de um empregador boliviano em São Paulo, Brasil: “Ele (o empregador) nos fazia trabalhar das 6h até as 22, 23 horas. Diziam que até as 19 horas a gente trabalhava pelo salário. Depois daquilo, era hora extra para compensar a comida e a moradia que nos dava.” (Estadão, 2018). Nesse contexto, as entrevistas são utilizadas para construir e reforçar a construção dos refugiados venezuelanos como explorados e mal pagos e para tornar o texto mais memorável para o leitor.

Conforme observado na primeira dimensão da análise, é mencionado em um artigo (Folha de São Paulo, 2020, “Imigrantes venezuelanos estão em 23% dos municípios brasileiros”) que a primeira onda de refugiados da Venezuela foi composta por pessoas altamente qualificadas e profissionais, que vieram para o Brasil de avião entre 2012 e 2014 e se estabeleceram na região Sudeste do país, seguida por uma segunda onda de profissionais de classe média que entraram pela fronteira terrestre entre 2015 e 2017, e uma terceira onda a partir de 2018, composta por venezuelanos vulneráveis e empobrecidos que vieram pela fronteira terrestre e se estabeleceram em Roraima, sendo posteriormente realocados para outras regiões pela Operação Acolhida (Folha de São Paulo, 2020). No entanto, não há entrevistas com venezuelanos das duas primeiras ondas ou com aqueles que conseguiram transferir seu capital humano para o Brasil e se enquadrar no mercado de trabalho formal, apenas uma entrevista com

um venezuelano da terceira onda que veio para o Brasil e encontrou uma posição pouco qualificada para trabalhar (Folha de São Paulo, 2020). A ênfase recai sobre aqueles que não conseguiram transferir suas habilidades ou têm baixa escolaridade, reforçando a construção estereotipada dos refugiados venezuelanos como pouco escolarizados e incapazes de se enquadrar em ocupações altamente qualificadas no Brasil.

Semelhante à subseção anterior, a mídia refere-se a organizações conhecidas para aumentar a credibilidade de suas declarações (Fairclough, 1995, p. 76). Em um artigo sobre indígenas venezuelanos da etnia Warao, argumenta-se que eles estão enfrentando uma situação “trágica”, com pouca ou nenhuma perspectiva de integração social e econômica na sociedade brasileira (O Globo, 2019). A mídia se vale de declarações do Alto Comissariado da ONU para Refugiados, Filippo Grandi, que visitou a região e afirmou que “Eles (os Warao) têm menos oportunidades de inclusão econômica, ou social, do que os outros (refugiados). É bastante trágico” (O Globo, 2019). A citação do Alto Comissariado da ONU para Refugiados reforça as afirmações da mídia sobre a construção dos refugiados como tendo grandes dificuldades para se integrar no Brasil.

Em alguns artigos, os refugiados são apresentados de forma ligeiramente positiva. A título de exemplo, em matéria com a manchete “Venezuelanos que fugiram da crise refazem a vida na capital: vizinhos de brasileiros, imigrantes deixaram o país após sofrerem perseguições políticas e fome” (Folha de São Paulo, 2019), há citações de um padre local argumentando que os refugiados venezuelanos têm documentação adequada para trabalhar no Brasil e conseguem encontrar empregos em várias áreas em pouco tempo em São Paulo (Folha de São Paulo, 2019). No entanto, a ênfase do artigo recai sobre aqueles que “não conseguem emprego no mercado formal” (Folha de São Paulo, 2019) e, conseqüentemente, devem encontrar “alternativas para se manter” (Folha de São Paulo, 2019), como vender comida venezuelana nas ruas. Nesse caso, a intertextualidade, na forma de entrevistas com refugiados venezuelanos, é usada para construir e reforçar a imagem estereotipada dos refugiados venezuelanos como subempregados e mal-integrados ao setor de trabalho formal.

8.3 Explicação (prática social)

Primeiro subdiscurso

No primeiro subdiscurso, como já observado nas seções anteriores, os refugiados venezuelanos são associados à tensão social, à violência e às doenças na fronteira. A situação é

apresentada de forma negativa e reforçada pelos padrões de palavras usadas nos artigos, como “caos”, “surto de doenças” e “tragédia”. O contexto social mais amplo envolve o deslocamento de mais de 6 milhões de pessoas da Venezuela devido à turbulência política e socioeconômica que ocorre naquele país (OIM, 2022). Cerca de oitenta por cento dos venezuelanos são acolhidos por países vizinhos da América do Sul e do Caribe, na maior migração forçada da história contemporânea da região (OIM, 2022). A principal porta de entrada no Brasil é a cidade de Pacaraima, localizada no norte do estado de Roraima, e muitos refugiados se estabeleceram em Pacaraima ou Boa Vista (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2021, p.12). Conforme delineado anteriormente, em um dos artigos foi relatado que o fluxo de refugiados da Venezuela para o Brasil foi caracterizado por diferentes ondas, bem como foi observado que os refugiados, principalmente das ondas recentes, estão sendo realocados por meio da “Operação Acolhida” (Folha de São Paulo, 2020, “Imigrantes venezuelanos estão em 23% dos municípios brasileiros”). A partir de 2018, parte dos venezuelanos foi realocada voluntariamente para as regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste (Folha de São Paulo, 2020). A região Norte do Brasil é tradicionalmente a mais pobre, contribuindo com apenas 0,2% do PIB brasileiro, e pouco povoada: em 2016 a população de Roraima era de cerca de 0,5 milhão, uma das menores entre os estados brasileiros, e após o fluxo de refugiados os venezuelanos rapidamente se tornaram cerca de 30% da população (Shamsuddin, 2021, p.6).

O fluxo massivo e crescente de refugiados venezuelanos para a região mais pobre do Brasil acentuou os problemas socioeconômicos já existentes e isso se reflete no material empírico, especialmente no primeiro subdiscurso. Embora a América Latina seja considerada um exemplo de cooperação Sul-Sul e generosidade em relação às políticas de asilo, tendo a solidariedade como princípio norteador para a proteção de refugiados (Jubilut *et al*, 2021, p.7), a infraestrutura social de muitos países não é suficiente para absorver a grande escala de deslocamentos recentes, o que pode contribuir para o aumento da discriminação e hostilidade em relação aos recém-chegados (Chami; Brown; Roy, 2020, p.12). Além disso, conforme observado por Chami, Brown e Roy (2020, p.5), refugiados sem meios de subsistência podem se tornar suscetíveis a criminosos e ser aliciados para atividades criminosas. Conforme delineado anteriormente, em um artigo os refugiados venezuelanos foram ligados à criminalidade e construídos como um perigo potencial para os habitantes de Roraima, mas mais frequentemente eles foram ligados ao aumento da tensão social, violência e doenças nas fronteiras. A escolha de focar nesses aspectos reforça os estereótipos negativos relacionados aos refugiados venezuelanos, potencializando a discriminação e a divisão hierárquica entre “insiders” e “outsiders”. Isso poderia levar a uma maior discriminação contra eles, que

poderiam ser vistos como responsáveis pelo aumento da violência e tensão social na região, além de portadores de doenças.

Segundo subdiscurso

No segundo subdiscurso (os venezuelanos como explorados e mal-integrados ao mercado de trabalho), os refugiados são retratados como um grupo homogêneo que enfrenta exploração e privação, mesmo após o estabelecimento da Operação Acolhida. A seguinte manchete é um exemplo: “Venezuelanos sofrem abusos em empregos ofertados por programa de interiorização” (Folha de São Paulo 2021, grifo nosso). As palavras “exploração”, “dificuldades” e “sobrevivência” apareceram no material empírico. O contexto social mais amplo envolve a integração socioeconômica dos recém-chegados no novo país. Embora o Brasil tenha livre acesso à saúde, educação e proteção social independentemente da situação da documentação dos imigrantes e proíba qualquer tipo de discriminação no trabalho, a integração socioeconômica dos refugiados pode apresentar desafios (Shamsuddin, 2021, p.3). Como a maioria dos países latino-americanos, o mercado de trabalho no Brasil é segmentado em setores formais e informais (Shamsuddin, 2021, p.13). O setor informal não é regulamentado pelo governo e os empregos são caracterizados pela precariedade, longas jornadas de trabalho e salários mais baixos (Shamsuddin, 2021, p.13). Conforme explicado por Alba e Foner (2015, p.53), o capital humano do imigrante tende a não receber pleno reconhecimento no mercado de trabalho de um novo país, o que pode representar uma dificuldade adicional de acesso ao setor formal. Nessa linha, é recorrente no material empírico a ênfase nas dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos para transferir seu capital humano para o Brasil e ingressar no setor formal em cargos condizentes com sua formação anterior, conforme delineado nas seções anteriores.

Nessa linha está a reportagem “Boné, máquina de costura ou apenas a roupa do corpo: venezuelanos contam o que trouxeram antes de migrar para o Brasil” (O Globo, 2021). O artigo se vale de várias entrevistas com refugiados venezuelanos e, embora sejam retratados de forma um pouco mais positiva do que no primeiro subdiscurso, ainda são estereotipados como subempregados e com dificuldades para se integrar ao setor de trabalho formal: “Trouxe minha máquina de costura comigo para trabalhar no Brasil. Estudei educação, sou professora, mas costuro para ganhar dinheiro aqui” (O Globo, 2021). A estereotipagem ocorreu ao se referir aos refugiados venezuelanos, produzindo uma fronteira implícita entre os “insiders” e os “outros” e anexando o rótulo de subempregados e vulneráveis a todos os refugiados venezuelanos. O

impacto social da mídia tem a ver com a forma como ela representa seletivamente o mundo, e discursos como esses reforçam as relações de poder e mantêm a hegemonia (Fairclough, 1995, p.17). Além disso, aponta-se que o perfil dos migrantes para o Brasil mudou “radicalmente” na última década, passando dos europeus para os provenientes de países pobres ou em desenvolvimento (“Número de imigrantes dobra no Brasil dobra em 1 década, com menos brancos e mais mulheres”, Folha de São Paulo, 2021). Informa-se que os migrantes brancos receberam salários mais elevados em comparação aos demais migrantes na última década e destacou que o nível educacional dos migrantes no Brasil diminuiu, associando os europeus a trabalhadores mais instruídos (Folha de São Paulo, 2021).

Como delineado anteriormente, historicamente no Brasil o migrante “ideal” foi construído dentro de um quadro estereotipado e retratado como branco, europeu e “trabalhador” (Bletz, 2010, p.22). Nesse contexto, os venezuelanos foram construídos pela mídia como não fazendo parte desse quadro estereotipado “ideal”, mas rotulados como o “outro” generalizado, que não se encaixa imediatamente nessa categoria. Em outras palavras, eles foram retratados como parte da mudança “radical” do perfil dos migrantes: não europeus, menos escolarizados, pobres e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho. O contraste entre a construção estereotipada dos refugiados venezuelanos e do imigrante “ideal” estereotipado pode reforçar as relações de poder e resultar em discriminação, potencialmente dificultando a possibilidade de integração socioeconômica.

RESUMO DA ANÁLISE E CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo contribuir para uma compreensão crescente da migração Sul-Sul, estudando como os refugiados venezuelanos são representados pela mídia brasileira durante a atual crise de refugiados na América do Sul. A conexão entre os meios de comunicação de massa e a migração, a lacuna de conhecimento sobre a migração Sul-Sul e o relevante e crescente deslocamento de pessoas da Venezuela, bem como o fato de o Brasil ter se tornado o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina, inspiraram o tema deste artigo. O modelo tridimensional de análise crítica do discurso de Fairclough e os conceitos teóricos de estereótipos e do “outro”, foram usados para abordar as questões de pesquisa. Foram analisadas 21 matérias sobre refugiados venezuelanos, publicadas entre 2016 e 2021 por três dos maiores e mais vendidos jornais impressos brasileiros. Ao longo das leituras, emergiu do material um discurso geral, associando refugiados venezuelanos a aspectos negativos. Conectados a esse discurso geral, dois subdiscursos foram

identificados: os venezuelanos associados à tensão social, violência e doenças nas fronteiras e os venezuelanos como explorados e mal-integrados ao mercado de trabalho.

No primeiro subdiscurso, os refugiados venezuelanos foram construídos como origem de surtos de doenças e vinculados à violência e à tensão social, especialmente no estado de Roraima. A mídia usou padrões de palavras nos artigos para enfatizar essa construção, bem como a transitividade, a modalidade objetiva e a intertextualidade. A tensão nas fronteiras foi conectada ao fluxo de refugiados venezuelanos e potencializada pelo uso de palavras como “tragédia” e “caos”. A modalidade objetiva foi utilizada para apresentar interpretações da realidade como se fossem verdadeiras, e os venezuelanos foram estereotipados como “invasores” em alguns dos artigos. A transitividade no primeiro subdiscurso consistiu em estabelecer os refugiados venezuelanos como origem de doenças já erradicadas no Brasil. Em um dos artigos, os refugiados venezuelanos foram ligados à criminalidade e construídos como um perigo potencial para os habitantes de Roraima, mas na maioria das vezes eles foram ligados ao aumento da tensão social, violência e surtos de doenças nas fronteiras. Nesse contexto, os artigos se valem de depoimentos de autoridades, políticos e organizações de renome, como a Organização Mundial da Saúde, para aumentar a confiabilidade de seus argumentos para os leitores. O discurso repetitivo da mídia sobre os refugiados venezuelanos, enfatizado intertextualmente, poderia aumentar a discriminação contra eles e possivelmente reforçar a divisão hierárquica entre “insiders” e “outsiders”.

No segundo subdiscurso, os refugiados venezuelanos foram construídos como explorados e mal-integrados ao mercado formal de trabalho. O foco foi a integração social e econômica dos venezuelanos no Brasil, especialmente no mercado de trabalho formal. A mídia usou padrões de palavras para potencializar essa construção, bem como a transitividade, a modalidade objetiva e a intertextualidade. A transitividade consistiu em construir os refugiados venezuelanos como um grupo homogêneo: vulneráveis, mal pagos, explorados e subempregados. As palavras “exploração”, “dificuldades” e “sobrevivência” apareceram no material empírico, reforçando essa percepção aos leitores. Estatísticas governamentais, depoimentos de políticos e entrevistas, principalmente com refugiados, foram amplamente utilizados nas reportagens para reforçar a construção dos refugiados como um grupo homogêneo, geralmente mal pago e subempregado, lutando para transferir seu capital humano para o Brasil e disposto a aceitar qualquer posição de trabalho para ser capaz de sobreviver. Nesse contexto, os refugiados venezuelanos foram estereotipados como tendo baixo nível de escolaridade e mais propensos a aceitar empregos fora do mercado de trabalho formal, caracterizado por baixos salários e maior jornada de trabalho. Mesmo aqueles que pertencem à

classe média ou têm diploma universitário foram construídos como geralmente incapazes, pelo menos em um primeiro momento, de transferir seu capital humano para o Brasil e de encontrar empregos que correspondam às suas competências e habilidades. Observou-se que os estereótipos poderiam realçar as relações de poder entre nacionais e refugiados e possivelmente ter consequências, como a normalização da contratação de refugiados venezuelanos para empregos exploradores, pouco qualificados e mal pagos. Além disso, os refugiados venezuelanos foram construídos não como parte do imigrante estereotipado “ideal”, mas como o “outro” generalizado, que não se enquadra imediatamente nessa categoria. O contraste entre a construção estereotipada dos refugiados venezuelanos e o estereótipo do imigrante “ideal” poderia reforçar as relações de poder e potencialmente resultar em mais discriminação e dificuldades na integração socioeconômica dos refugiados venezuelanos.

REFERÊNCIAS

6, Perri; BELLAMY, Christine. **Principles of Methodology: Research Design in Social Science**. London: Sage, 2012.

ALBA, Richard; FONER, Nancy. **Strangers no more: immigration and the challenges of integration in North America and Western Europe**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

ANDRADE, José H. Fischel. The 1984 Cartagena Declaration. *In*: JUBILUT, Liliana Lyra; ESPINOZA, Marcia Vera; MEZZANOTTI, Gabriela. **Latin america and refugee protection: logics, regimes, and challenges**. New York: Berghahn Books, 2021.

AZEVEDO, Fernando Antônio. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 88-113, abril/maio, 2006. DOI: 10.1590/S0104-62762006000100004.

BLEICH, Erik; BLOEMRAAD, Irene; GRAAUW, Els. Migrants, minorities and the media: information, representations and participation in the public sphere. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, London, v. 41, n.6, p. 857-873, 2015. DOI10.1080/1369183X.2014.1002197.

BLETZ, May E. **Immigration and acculturation in Brazil and Argentina**. New York: Palgrave MacMillan, 2010.

BORÉUS, Kristina; BERGSTRÖM, Göran. **Analysing text and discourse: eight approaches for the social science**. London: Sage, 2017.

BRYMAN, Alan. **Social Research Methods**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca G. **2011-2020: uma década de desafios para a imigração e refúgio no Brasil**. Brasília: Observatório das migrações internacionais, 2021a.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca G. **Imigração e refúgio no Brasil: retratos da década de 2010**. Brasília: Observatório das migrações internacionais, 2021b.

CHAMI, Georgina; BROWN, Christopher; ROY, Nalanda. The securitization of Post-9/11 reception patterns of refugees, asylum seekers, and migrants: deconstructing the Venezuelan Exodus (A case study). **Migration and Development**, London, v.10, n.2, p. 238-259, ago.2020. DOI 10.1080/21632324.2020.1809280.

DADOS, Nour; CONNELL, Raewyn. The Global South. **Contexts**, v.11, n.1, fev.2012. DOI:10.1177/1536504212436479.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. London: Redwood books, 1995.

FITZGERALD, David Scott. The sociology of international migration. *In*: BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. (ed.). **Migration theory: talking across disciplines**. 3.ed. New York: Routledge, 2015.

GOEBEL, Michael. Reconceptualizing diasporas and national identities in Latin America and the Caribbean, 1850–1950. *In*: FOOTE, Nicola; GOEBEL, Michael. **Immigration and national identities in Latin America**. Florida: University Press of Florida, 2014.

HALL, Stuart. **Representation**. London: Sage Publications, 1997.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems: three models of media and politics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). **Venezuela's Humanitarian Emergency: Large-Scale UN Response Needed to Address Health and Food Crises**. New York: Human Rights Watch, 2019. Disponível em: <https://www.hrw.org/americas/venezuela>. Acesso em: 20 mar.2022.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **Venezuelan refugee and migrant crisis**. Geneva: International Organization for Migration, 2022. Disponível em: <https://www.iom.int/venezuelan-refugee-and-migrant-crisis>. Acesso em 03 mar.2022.

JANKS, Hilary. Critical Discourse Analysis as a research tool. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, London, v.18, n.3, p.329-342, jul.2006. DOI 10.1080/0159630970180302.

JORGENSEN, Marianne; Phillips, Louise. **Discourse Analysis as Theory and Method**. London: Sage Publications, 2002.

JUBILUT, Liliana Lyra; ESPINOZA, Marcia Vera; MEZZANOTTI, Gabriela. **Latin America and Refugee Protection: logics, regimes, and challenges**. New York: Berghahn Books, 2021.

LESSER, Jeffrey. **Immigration, ethnicity, and national identity in Brazil: 1808 to the present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LIMA, João Brígido Bezerra; MUÑOZ, Fernanda Patrícia Fuentes; NAZARENO, Luísa de Azevedo; AMARAL, Nemo. **Refúgio no Brasil**: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017.

LIMA, João Brígido Bezerra; GARCIA, Ana Luiza Jardim de Carvalho Rochael; FECHINE, Valéria Maria Rodrigues. Fluxos migratórios no Brasil: haitianos, sírios e venezuelanos. *In*: VIANA, André Rego. **A mediação do refúgio no Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being. **Cultural Studies**, London, v.2, n.2-3, p.240-270, 2007. DOI 10.1080/09502380601162548.

MARGALEF, Delia Maria Dutra da Silveira. Retratos Midiáticos sobre o refúgio no Brasil. *In*: VIANA, André Rego. **A mediação do refúgio no Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020.

OCHOA, Javier. South America's response to the Venezuelan exodus: a spirit of regional cooperation?. **International Journal of Refugee Law**, Oxford, vol. 32, n. 3, p. 472–497, 2020. DOI 10.1093/ijrl/eeaa033.

ROSENBERG, Alexander. **Philosophy of Social Science**. 5. ed. Boulder, Colorado: Westview Press, 2016.

SHAMSUDDIN, Mrittika; ACOSTA, Pablo Ariel; SCHWENGBER, Rovane Battaglin; FIX, Jedediah; PIRANI, Nikolas. **Integration of Venezuelan refugees and migrants in Brazil**. World Bank Group: Social Protection and Jobs Global Practice, 2021.

SILVA, Graziella Moraes; PAIXÃO, Marcelo. Mixed and Unequal: New Perspectives on Brazilian Ethnoracial Relations. *In*: TELLES, Edward E. **Pigmentocracies**: ethnicity, race and color in Latin America. Chapter Hill: University of North Carolina Press, 2014.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. 2020. Refúgio em Números. 6. ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília: OBMigra, 2020.

SILVA, João Carlos Jarochinski; FRANCO, Alexandra Castro; SAMPAIO, Cyntia. How the venezuelan exodus challenges a regional protection response: “creative” solutions to an unprecedented phenomenon in Colombia and Brazil. *In*: JUBILUT, Liliana Lyra; ESPINOZA, Marcia Vera; MEZZANOTTI, Gabriela. **Latin America and refugee protection**: logics, regimes, and challenges. New York: Berghahn Books, 2021.

SMETS, Kevin; LEURS, Koen; GEORGIU, Myria; SASKIA, Witteborn; GAJJALA, Radhika. **The sage handbook of media and migration**. London: Sage Publications, 2020.

STRAUSS, Susan; FEIZ, Parastou. **Discourse analysis**: a multi-perspective and multi-lingual approach. New York and London: Routledge, 2013.

THAO; Lê; QUYNH, Lê; SHORT, Megan. **Critical discourse analysis**: an interdisciplinary perspective. New York: Nova Science Publishers, 2009.

Artigos jornalísticos

APÓS caso de sarampo, Roraima vacina Venezuelanos em Boa Vista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/02/apos-caso-de-sarampo-roraima-vacina-venezuelanos-em-boa-vista.shtml>. Acesso em: 05 mar.2022.

BONÉ, máquina de costura ou apenas a roupa do corpo: venezuelanos contam o que trouxeram antes de migrar para o Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/bone-maquina-de-costura-ou-apenas-roupa-do-corpo-venezuelanos-contam-que-trouxeram-antes-de-migrar-para-brasil-25321824>. Acesso em: 10 maio 2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Família venezuelana é explorada no Brasil. **Estadão**, São Paulo, 7 abr.2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,familia-venezuelana-e-explorada-no-brasil,70002258113>. Acesso em: 08 mar.2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Com imigração venezuelana, Boa Vista vive problemas de metrópole. **Estadão**, São Paulo, 22 abr.2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,com-imigracao-venezuelana-boa-vista-vive-problemas-de-metropole,70002278524>. Acesso em: 11 mai. 2022.

CORAZZA, Felipe. Crise eleva tensão em áreas de fronteira da Venezuela. **Estadão**, São Paulo, 16 out.2016. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,crise-eleva-tensao-em-areas-de-fronteira-da-venezuela,10000082418>. Acesso em: 08 mar.2022.

CORREIA, Sineida. Dois mil venezuelanos pediram asilo ao Brasil em 2016. **Estadão**, São Paulo, 17 mar. 2017. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,dois-mil-venezuelanos-pediram-asilo-ao-brasil-em-2016,70001689440>. Acesso em: 08 mar.2022.

FIGUEIREDO, Janaína. Imigrantes venezuelanos trazidos ao Rio enfrentam dificuldades para sobreviver sozinhos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/imigrantes-venezuelanos-trazidos-ao-rio-enfrentam-dificuldades-para-sobreviver-sozinhos-23468989>. Acesso em: 21 fev. 2022.

IMIGRANTES voltam para Venezuela após violência em Roraima: cerca de 100 venezuelanos que viviam na rua em Boa Vista regressaram após mortes na quinta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/imigrantes-voltam-para-a-venezuela-apos-violencia-em-roraima.shtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

JAMIL, Chade. Diretor da OMS alerta que crise na Venezuela pode causar surtos no Brasil. **Estadão**, São Paulo, 18 set. 2018. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,diretor-da-oms-alerta-que-crise-na-venezuela-pode-causar-surtos-no-brasil,70002314320>. Acesso em: 05 mar.2022.

MANTOVANI, Flávia. Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-venezuelana-relata-experiencia-de-migrar-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 08 mar.2022.

MANTOVANI, Flávia. Número de imigrantes no Brasil dobra em uma década, com menos brancos e mais mulheres. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/12/numero-de-imigrantes-dobra-em-1-decada-com-menos-brancos-e-mais-mulheres.shtml#:~:text=N%C3%BAmero%20de%20imigrantes%20no%20Brasil,12%2F2021%20%2D%20Mundo%20%2D%20Folha>. Acesso em: 02 mar.2022.

MANTOVANI, Flávia. 2020. Imigrantes venezuelanos estão em 23% dos municípios brasileiros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/imigrantes-venezuelanos-estao-em-23-dos-municipios-brasileiros.shtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

MARTINS, Elisa. Empreendedorismo é a base para refugiados venezuelanos no Brasil, inclusive durante a pandemia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 set. 2020 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/empreendedorismo-base-para-refugiados-venezuelanos-no-brasil-inclusive-durante-pandemia-24655307>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MARQUES, Marcelo. Após ataque de brasileiros, 1,2 mil Venezuelanos deixaram o país, diz Exército. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 ago. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/apos-ataque-de-brasileiros-12-mil-venezuelanos-deixam-roraima-22992701>. Acesso em: 10 maio 2022.

MELLO, Patricia Campos; PRADO, Avenir. Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/refugiados-venezuelanos-sao-agredidos-e-expulsos-de-tendas-em-roraima.shtml>. Acesso em: 06 mar.2022.

PEREIRA, Pablo. Classe média venezuelana engrossa fluxo crescente de refugiados para o Brasil. **Estadão**, São Paulo, 12 jun. 2017. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,classe-media-venezuelana-engrossa-fluxo-crescente-de-refugiados-no-brasil,70001835992>. Acesso em 06 mar. 2022.

SITUAÇÃO de indígenas venezuelanos no Brasil é trágica, diz ONU. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 set.2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/situacao-de-indigenas-venezuelanos-no-brasil-tragica-diz-onu-23926710>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SOARES, Regiane. 2019. Venezuelanos que fugiram da crise refazem a vida na capital. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2019. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/12/venezuelanos-que-fugiram-da-crise-refazem-a-vida-na-capital.shtml>. Acesso em: 08 mar. 2022.

TEIXEIRA, Fábio; COSTA, Emily. Venezuelanos sofrem abuso em emprego ofertado por programa de interiorização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/venezuelanos-sofrem-abusos-em-empregos-ofertados-por-programa-de-interiorizacao.shtml>. Acesso em: 08 mar. 2022.

TOLEDO, Marcelo; KNAPP, Eduardo. Com invasão venezuelana, Roraima teme o retorno de doenças erradicadas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1833819-com-invasao-venezuelana-roraima-teme-retorno-de-doencas-erradicadas.shtml>. Acesso em: 08 mar. 2022.

TOLEDO, Marcelo. Acnur e Forças Armadas abrem maior abrigo para venezuelanos em Roraima. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/acnur-e-forcas-armadas-abrem-maior-abrigo-para-venezuelanos-em-roraima.shtml>. Acesso em: 08 mar. 2022.